O Brasil e as origens da União Latina

Ministro de Estado das Relações Exteriores
Professor Celso Lafer

Secretário-Geral das Relações Exteriores
Embaixador Osmar Chohfi

Presidente da Fundação Alexandre de Gusmão
Embaixadora Thereza Maria Machado Quintella

Diretor do Centro de História e Documentação Diplomática
Embaixador Alvaro da Costa Franco

Fundação Alexandre de Gusmão
Centro de História e Documentação Diplomática

O Brasil e as origens da União Latina

Ministério das Relações Exteriores

Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG
Esplanada dos Ministérios, Bloco H, Anexo II, Térreo
70.170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 411.6033/6034/6847
Fax: (61) 322.2931/2188
www.funag.gov.br
publicacoes@funag.gov.br

Centro de História e Documentação Diplomática – CHDD
Palácio Itamaraty
Avenida Marechal Floriano, 196
20.080-002 Rio de Janeiro, RJ
Telefax: (21) 2233 2318/2079
chdd.funag@veloxmail.com.br

O Brasil e as origens da união Latina – Fundação Alexandre de Gusmão. Centro de História e Documentação Diplomática. – Brasília: Funag, 2002.
232 p. ;

ISBN 85-87480-25-1

1. I. Fundação Alexandre de Gusmão II. Título

CDU

Sumário

O Brasil e as origens da União Latina

Alvaro da Costa Franco 7

Entrevista do Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil

João Neves da Fontoura 15

I Congresso da União Latina Rio de Janeiro, 14 a 19 de outubro 1951

João Neves da Fontoura 23

Ata final do I Congresso da União Latina 31

De la nécessité d'une Ligue Latine 61

O Brasil e as origens da União Latina

O cinqüentenário da União Latina, em sua existência como organização internacional, constituída pelo tratado assinado em Madri em 1954, sugere a oportunidade de rememorar os laços que unem o Brasil às origens da organização, à idéia do congraçamento dos povos latinos e de sua institucionalização numa entidade de cooperação internacional.

O sentimento de pertencer a uma comunhão de povos latinos, ligados por tradições culturais e afinidades testadas pelos séculos, esteve desde muito cedo presente entre os ibero-americanos, como elemento de aproximação entre as nações que se formavam no novo continente e reflexo do desejo de preservar os vínculos das novas nações com suas raízes européias.

O professor Édouard Pommier traçou um excelente esboço das origens da idéia latina no século XIX, a partir de Michelet e de Michel Chevalier. Lembra como data, também do século XIX, a denominação América Latina, que teria sido cunhada, em Paris, pelo colombiano José Maria Castro Caicedo. A par de sublinhar a aproximação entre as novas nações ibero-americanas e sua afinidade com os povos latinos europeus, esta denominação denotava a distinção entre a América dos latinos e a dos anglo-saxões. Cumpre não esquecer o quanto a influência cultural da França, então preponderante, reforçou este sentimento de proximidade com a Europa latina.

Em seu recente estudo realizado para a União Latina, o professor Pommier se estende sobre o amadurecimento da idéia da latinidade e sua emergência como um fator político no século XX.

É reconhecido que foi João Neves da Fontoura[1], então Ministro das Relações Exteriores e chefe da delegação do Brasil à Conferência da Paz em Paris, quem reaviva a idéia da unidade cultural dos povos latinos para atribuir-lhe um alcance que transcenderia a esfera da cultura para ganhar um significado político. As declarações de Neves da Fontoura, publicadas no *Le Monde* de 16 de agosto de 1946, são um marco no progresso da idéia. Referindo-se às negociações em curso, João Neves advoga uma atitude conciliadora para com a Itália, afirmando que um "tratamento demasiado duro ou injustificado não serviria à causa da paz" e lembrando o parentesco espiritual, as origens e a civilização comuns aos povos latinos para perguntar "Nosso papel primordial, vosso como nosso, não é de trabalhar para a reconstrução de uma frente latina?"

Relançada a idéia por João Neves da Fontoura, frutificaria logo a seguir com a criação da União Latina, organização autorizada por um decreto ministerial do governo francês de 14 de junho de 1948. Seu inspirador foi Pierre Cabanès, que, anteriormente à II Guerra Mundial, havia ventilado a idéia de uma organização dos povos latinos. A entidade, embora criada sob o regime da lei francesa, teria um Conselho Internacional e um Secretariado, incumbido da coordenação dos comitês nacionais e sediado em Paris.

Em fevereiro de 1951, João Neves da Fontoura volta a ocupar a pasta das Relações Exteriores e, retomando o sonho que lhe era caro, convoca um Congresso, a realizar-se no Rio de Janeiro, com representantes de todas as nações integrantes da União Latina. O Congresso, reunido de 14 a 19 de outubro do mesmo ano, contou com representação governamental e dos comitês nacionais bem como com a presença de intelectuais de prestígio dos países afiliados e operou como uma verdadeira conferência internacional.

[1] João Neves da Fontoura (1887-1963). Advogado, jornalista, político e diplomata brasileiro, foi embaixador em Lisboa e, por duas vezes, ministro das Relações Exteriores do Brasil. Membro da Academia Brasileira de Letras.

Em seu discurso inaugural, o Ministro assinalou as responsabilidades que pesavam sobre as delegações ali reunidas; "nossos povos têm ... um rumo histórico naturalmente definido, que nos obriga a preservar o patrimônio de nossa cultura de tudo que ameace de indistinção ou de perecimento os monumentos erguidos ao longo de nossa experiência milenar. São séculos de civilização latina que teremos de defender – essa concepção mediterrânea da maneira de viver, de pensar e de sentir que se transmitiu a cenários geográficos tão distantes. Onde viverem os nossos povos ... lutaremos por todas as formas possíveis para que não se submirja o nosso patrimônio espiritual e cultural".

Além de aprovar recomendações sobre temas culturais, econômicos e sociais, o Congresso, na Resolução XVIII, proclama os objetivos da União Latina e convoca um novo Congresso, a ser constituído por delegados governamentais, que aprovará o orçamento da organização e contará com o apoio de comissões nacionais constituídas sob os auspícios dos respectivos governos. Ficou igualmente decidido que seria eleito um Delegado-Geral, sediado em Paris, incumbido de diligenciar a execução das resoluções adotadas e a preparação dos trabalhos do próximo congresso. Foi decidido que a sede deste seria Madri e Paulo Berredo Carneiro[2] foi designado Delegado-Geral.

Paulo Carneiro veio a desempenhar um notável papel no seio da União Latina e na criação, em 1966, da Academia do Mundo Latino. Sua visão iluminou a atividade dessas organizações, destinadas, na sua percepção, a promover o livre intercâmbio, de duplo sentido, de idéias e experiências vividas.

[2] Paulo Estevão Berredo Carneiro (1901-1982). Cientista e diplomata brasileiro, doutor pelo Instituto Pasteur de Paris, membro da Academia Brasileira de Letras, membro e presidente, por mais de uma vez, do Conselho Executivo da UNESCO, órgão junto ao qual foi embaixador do Brasil, foi também presidente da associação internacional "La Maison de Auguste Comte" e da Academia do Mundo Latino.

As pesquisas apoiadas pela União Latina nos revelam as origens da idéia de identidade da cultura latina. Ainda não foi feita uma investigação minuciosa, da mesma natureza, no âmbito da vida intelectual brasileira. A iniciativa de Neves da Fontoura aparece, assim, como um lampejo isolado. Há, entretanto, indícios de que a idéia teve um desenvolvimento próprio no Brasil, tema a ser ainda estudado. Havia brasileiros entre os fundadores da Liga da fraternidade intelectual latina, sociedade civil criada na França em 1917, em meio à explosão de solidariedade latina em torno da França no conflito dos aliados contra os impérios do centro.

Outro indício foi encontrado na Biblioteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro: um pequeno opúsculo da autoria de Goffredo de Escragnolle Taunay, intitulado *De la Nécessité d'une Ligue Latine*, publicado, sem data, em Paris, na Imprimerie G. Camproger, 52, rue de Provence. Pela dedicatória ao Barão do Rio Branco, datada de julho de 1903, tem-uma indicação da data desta primeira edição, a que seguiu uma segunda, impressa no Rio de Janeiro em 1905, na Typographia Leuzinger. Trata-se de um ensaio precursor das iniciativas que viriam depois a tomar corpo, na Liga da fraternidade intelectual latina e na própria União Latina.

Luis Goffredo d'Escragnolle Taunay descendia de um dos integrantes da missão artística francesa, convidada ao Brasil em 1816, que deixou ilustre descendência brasileira. Era engenheiro e irmão do visconde de Taunay, o político e notável escritor.

Seu trabalho, o único do gênero que lhe conhecemos, é um apelo à união das elites dos povos latinos para evitar a anunciada decadência das "raças latinas" e assegurar-lhes o futuro que suas qualidades lhes reservariam. A liga "seria de iniciativa privada", constituída longe dos grupos e círculos oficiais e antioficiais, sem vínculos governamentais; agiria, entretanto, como um grupo de pressão, "elevando a voz e intervindo em todas as questões em que possam ser satisfeitas ou lesadas as justas pretensões da latinidade"; "de seu programa seria excluído rigorosamente tudo o que fosse de

natureza a tocar questões religiosas e políticas"; aberta a todos os latinos, representaria para todos, quaisquer que fossem seus dogmas e opiniões, um terreno neutro para o entendimento. "A liga trazia em seu âmago a semente da cooperação entre os povos latinos, embora longe ainda da organização internacional que é a União Latina".[3]

Ao reunir nesta pequena publicação, editada com a cooperação do Escritório da União Latina no Brasil, a entrevista do Ministro João Neves ao jornal *Le Monde*, seu discurso inaugural no Congresso da União Latina de 1951, as resoluções do Congresso e o dificilmente encontrável trabalho de Goffredo de Escragnolle Taunay *Sobre a necessidade de uma Liga Latina*, almejamos tornar acessíveis aos estudiosos alguns documentos, pouco conhecidos, que elucidam o empenho do Brasil na formação da União Latina e o papel de homens como João Neves da Fontoura e Paulo Carneiro nas origens da organização. Fique aqui como nossa homenagem a todos os que, no mundo latino, lutaram e lutam pela preservação de nossos valores culturais e do espírito latino, uma vez descrito por Torres Bodet como "uma forma harmoniosa e lógica de sentir, de pensar, de sonhar. Uma luz da inteligência que não ignora as contribuições secretas da intuição. Uma audácia que salva. E uma compreensão que perdoa."

Alvaro da Costa Franco
Diretor do CHDD

[3] A este propósito, cabe ainda lembrar que uma recente obra coletiva sobre Vilfredo Pareto (MANGA, GAVINO, org. *Vilfredo Pareto (1848-1923)*: l'uomo e lo scienziato. Banca Popolare di Sondrio/Libri Scheiwiller, 2002.) nos revela a troca de correspondência entre o sociólogo italiano e Goffredo de Escragnolle Taunay. Numa longa carta de 11 de agosto de 1916 (Apêndice, carta 45), Pareto agradece a Taunay a remessa do seu trabalho sobre a liga latina, com interessantes considerações. Referindo-se à frase "somos assim feitos que precisamos de ilusões sublimes para sermos levados a grandes ações", Pareto vê aí uma coincidência com sua " teoria dos fins ideais, da qual a teoria dos mitos do meu bom amigo G[eorges] Sorel é um caso particular".

Entrevista do Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil

João Neves da Fontoura

por ocasião da Conferência da Paz em Paris

UN ENTRETIEN AVEC M. NEVES DA FONTOURA

chef de la délégation brésilienne à la conférence de la paix

qui travaillle à la reconstitution d'un «front latin»

Dans l'entretien qu'il a bien voulu accorder au représentant du Monde, M. Neves da Fontoura, ministre des affaires étrangères du Brésil et chef de la délégation brésilienne à la conférence de la paix, a marqué tout d'abord sa grande satisfaction de se trouver à Paris, qui n'a pas cessé pour lui, comme pour l'élite ibéro-américaine en général, d'être, selon son expression, «le cerveau et le cœur de l'humanité...»

«Il est vrai – ajoute-t-il – que l'influence culturelle que la France exerce traditionellement dans nos pays latins, et en particulier au Brésil, a subi une éclipse partielle au cour de ces dernières années. Votre langue tend à être évincée par la langue anglaise. J'ai pu le constater moi-même à l'Instituto Rio Branco, qui est à la fois une école et une académie diplomatique dépendant de mon ministère: dans sa séction de préparation à la carrière des affaires étrangères, le nombre des candidats connaissant l'anglais dépasse sensiblement aujourd'hui celui d'entre eux qui pratiquent de préférence le français, alors que c'était l'inverse il y a moins d'une dizaine d'années... »

– A quoi doit-on atribuer, monsieur le ministre, cette évolution?

«En partie au fait que, depuis la guerre, nos relations avec les États-Unis du Nord se sont, comme vous savez, beaucoup développées, surtout dans l'ordre économique. Mais la principale

raison est évidemment, du côté français, que vos établissements d'enseignement au Brésil, laïcs ou religieux, ont manqué à la fois de professeurs et de livres. Je sais, d'ailleurs, avec quelle activité les millieux français autorisés s'efforcent de remédier à une telle situation, et je ne doute pas du succès de leurs efforts, alors surtout que nous sommes tout disposés, pour notre part, à les seconder de notre mieux...»

Le ministre nous expose ensuite ce que fait le Brésil lui-même pour participer plus efficacement à l'œuvre de coopération internationale dans l'ordre intellectuel. C'est ainsi qu'il vient de créer un «Institut d'éducation, science et culture» – appelé à prêter un utile concours à l'Unesco, organisation qui doit bientôt être transferée de Londres à Paris, où l'ancien office de la S.D.N. avait son siège. Pour ce qui est de l'Institut brésilien, il dispose déjà de ressources importantes, grâce aux donations qui affluent de tous côtés.

Ce sont aussi des fondations privées qui ont permis la récente création de trois prix, d'un montant équivalant à 200.000 francs, qui récompenseront chaque année, après avis de jurys designés à cet effet, les meilleures œuvres scientifiques, littéraires ou artistiques. Un autre prix – celui-là de 10.000 dollars – est affecté à couronner un concours s'étendant à toute l'Amérique: il sera décerné pour la première fois l'an prochain.

Enfin, M. Neves da Fontoura se propose d'ouvrir à Rio un nouveau musée d'art moderne, qui portera, lui aussi, le nom de Rio Branco.

«Rio Branco, souligne le ministre, est un des hommes d'État dont le souvenir est demeuré chez nous particulièrement cher. Il a détenu pendant dix années consécutives le portefeuille des affaires étrangères, et c'est en cette qualité qu'il mena à bonne fin le travail délicat de délimitation des frontières du Brésil avec huit pays voisins.

Une autre personnalité également remarquable fut Ruy Barbosa, jurisconsulte de réputation mondiale, qui joua un rôle éminent à une autre conférence de la paix, celle de La Haye, en 1907.

L'arbitrage international, dont il fut l'apôtre ardent, a été inscrit dans notre Constitution, qui présente, je crois, à cet égard, un exemple unique.

Cet esprit de conciliation a toujours été, avec le principe d'égalité des nations, à la base de notre politique extérieure.

On le note déjà sous l'Empire, alors que, placés dans des conditions particulièrement difficilles, nous avons eu à soutenir plusieurs guerres défensives.

Cette politique est aussi celle que la délégation brésilienne entend défendre à présent à la conférence de Paris.

C'est dans le même esprit que nous avons présenté à la commission de règlement deux amendements:

Le premier demandait le vote à la majorité simple, au lieu des deux tiers des voix, pour qu'une recommandation fut prise en considération par les «Quatre».

Nous aurions voulu, d'autre part, que la présidence de la conférence, au lieu du système par roulement, fut assumée par une seule personne, c'est-à-dire par le représentant du pays où se tient la conférence.

Dans les deux cas, nos propositions n'ont pas triomphé. Mais la minorité qui nous a suivi (neuf voix contre onze et une abstention) est par elle-même assez encourageante.

Ce sont toujours les mêmes principes de conciliation et d'équité dont nous nous sommes inspirés en exposant le point de vue du Brésil sur le projet de traité de paix avec l'Italie. Comme je l'ai déclaré à la conférence, nous n'avons pas, sans doute, à assumer le rôle d'avocat des revendications italiennes. Mais nous nous plaçons sur un terrain plus élevé, en remarquant simplement qu'un traitement trop dur ou injustifié qui serait infligé à l'Italie ne servirait pas la cause de la paix.

Nous ne pouvons oublier, non plus, l'apport non négligeable que ce pays a apporté à la victoire commune contre le nazisme. Mais, plus que tout, nous devons nous souvenir, nous Brésiliens – aussi

bien que vous autres, Français, – que nous sommes issus de la même parenté spirituelle, que nous avons des origines et une civilisation communes. Notre rôle primordial, à vous comme à nous, n'est-il pas de travailler à la reconstruction du front latin? À cet égard, le Brésil, pays neuf, mais que le développement de sa population place déjà au tout premier rang des nations latines, entend jouer un grand rôle. Il y réussira pour peu qu'il ouvre largement son territoire – ainsi qu'il y est décidé – à l'émigration et aux capitaux étrangers, avec toutes les garanties indispensables. Il devra surtout se défendre, de même que les autres républiques de l'Amérique latine, contre un nationalisme économique excessif en se souvenant, selon le mot de M. Willkie, qu'il n'existe aujourd'hui qu'«un seul monde» et que Rio de Janeiro n'est plus qu'à vingt-trois heures de Londres ou de Paris...»

Interrogé sur la position du Brésil au regard du panaméricanisme, M. Neves da Fontoura observe que ce mot répond à une «réalité vivante». On l'a bien vu à l'occasion des accords successifs conclus par les vingt et une républiques au cours de ces dernières années, et qui auront leur aboutissement pratique à la prochaine conférence de Rio de Janeiro.

Les difficultés, observe le ministre, qui peuvent se produire dans les relations de l'Amérique latine avec les États-Unis sont particulières à chaque pays. Mais on ne saurait méconnaître que cette grande démocratie est animée d'un véritable idéalisme constructif, que vient encore renforcer l'initiative généreuse de ses citoyens. Vous venez vous-mêmes en France d'en avoir une nouvelle preuve par le don de 550.000 dollars que la Fondaction Rockefeller a décidé d'affecter à votre Centre national de la recherche scientifique...

«Cependant, conclut M. Neves da Fontoura avec un aimable sourire, il reste que la France n'a pas cessé d'occuper une place de choix dans nos esprits et dans nos cœurs. Notre amitié pour votre pays a véritablement quelque chose de religieux. Le petit fait que voici me paraît à cet égard bien significatif. En juin 1940, lorsque

fut connue chez nous l'épreuve qui vous accablait, un plubic nombreux se réunit dans la principale église de Rio. Il comprenait des personnes de toutes conditions, et dont certaines étaient même venues de la banlieue. Et voici qu'en plein office le chant de la Marseillaise, en français, sortit de toutes les bouches. La foule était si dense que je ne pus moi-même pénétrer dans le sanctuaire, mais, par le portes ouvertes, votre hymne immortel retentissait jusqu'à moi. C'est que le deuil de la France était pour nous aussi un deuil national, et n'est-ce pas dans les moments les plus sensibles que l'on reconnaît ses vrais amis?...»

A.M.[4]

---

[4] N.E. - Transcrição do jornal *Le Monde*, edição de 30 de agosto de 1946.

I Congresso da União Latina

Rio de Janeiro, 14 a 19 de outubro 1951

Discurso Inaugural

Pronunciado por Sua Excelência o Senhor

Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil

João Neves da Fontoura

Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1951.

"Ao começarmos os trabalhos desta Assembléia - composta de Nações do mais estreito parentesco – importa, antes de tudo, uma definição.

Quando a idéia da 'União Latina' adquiriu a velocidade de um movimento, nenhum de nós incluiu no paralelogramo de suas forças nem o impulso das velhas e inextricáveis contendas raciais, nem o pensamento oculto de estabelecer neste mundo já tragicamente dividido uma nova causa de secessão ou de luta.

Por outro lado, não é só a identidade do sangue que agrupa os indivíduos e os povos. Uns e outros podem associar-se, e por assim dizer confundir-se duradouramente, por outras razões poderosas, sobretudo quando fundiram em padrões semelhantes a sua moral, o seu estilo de vida, a sua cultura. Ora, as nossas Nações, para se denominarem latinas, não precisam recorrer ao exclusivismo da genealogia. São essencialmente latinas, porque falam línguas românicas, línguas que André Siegfried chamou com acerto 'instruments d'une certaine expression de la pensée, qui correspondent indiscutablement à une civilisation dont la Méditerraneé a éte le berceau'. E, aí, de concluir: 'de ce point de vue la latinité est une évidente réalité'.

Não importa que tenham sido heterogêneos os fatores que criaram e aperfeiçoaram a civilização latina. Nas suas linhas fundamentais, além da predominante do cristianismo, sobremodo a da igreja na sua fase heróica de mártires e confessores, atuaram outras influências, helênicas e orientais. De tantos elementos emergiu aquela civilização - a civilização mediterrânea - com uma base de cultura que os séculos consolidaram e que continua, sob o cunho das línguas consangüíneas, que são as nossas, a constituir o elo que nos enlaça e que faz destas Nações uma força característica, uma grande e numerosa família fiel aos confluentes de sua formação espiritual.

A bacia mediterrânea foi o berço dessa civilização, o teatro em que se moviam os seus povos, o luzeiro esplêndido de uma cultura, da qual brotou a flor maravilhosa da Renascença.

Mas aquele mundo, quase fechado então pelo receio do 'mar trevoso', de que fala o maior poeta da língua portuguesa, e como que circunscrito pela fronteira mitológica das Colunas de Hércules, aquele mundo sentia a ânsia de expandir-se, de multiplicar-se no espaço, decifrando o enigma do oceano. Coube então ao gênio latino assumir a responsabilidade dos descobrimentos, sob a bandeira das nações ibéricas, que tomavam a dianteira dos povos. São os navegantes de Castela e de Portugal que rasgam as cortinas do mar trevoso, e passam muito além da Taprobana, por mares nunca dantes navegados. Primeiro o Genovês é armado almirante pelos Reis Católicos e, antes que se feche o século XV, ele entrega à coroa castelhana terras da América 'molhada ainda do dilúvio', segundo a ênfase de Castro Alves. Mas o Infante D. Henrique já tem tudo para realizar o velho sonho de fazer de Sagres o promontório da Europa, avançando para o futuro com a bandeira das Quinas. Pelo novo espaço das duas Nações ibéricas dilatam-se os espaços do mundo latino. Vinte Nações desta outra margem do Atlântico ampliam as fronteiras do Mediterrâneo.

Através da expansão e transplantação, a idéia persistiu. Na união, e não na unidade. Eis aí uma de suas mais acentuadas e melhores características. Porque a unidade, no caso, seria monotonamente a repetição de uma mesma fisionomia insípida, num traço único, sem acentos peculiares, sem riqueza de aspectos. Todas estas Nações podem e devem formar uma União; jamais ser arroladas como simples unidades numéricas. O que as distingue é que sabem manter os laços de parentescos na diversidade dos seus predicados.

Mommsen sustentou bem que: 'A História de toda nação, sobretudo da nação latina, é um vasto sistema de incorporação'. O conceito é incontroverso. Três grandes exemplos: a incorporação jurídica, militar e cultural que Roma fez sobre os outros povos

europeus; a incorporação espiritual que as duas Nações Ibéricas realizaram sobre os povos do Novo Mundo; a incorporação de Direitos do Homem, com que a Revolução Francesa abateu o princípio do absolutismo e iniciou a primeira experiência da democracia individualista com o sufrágio universal, de que havia de resultar, por influências posteriores, a fórmula da democracia social.

Mas a União Latina não surgiu no proscênio de um mundo angustiado pelos temores da guerra com o fito de estabelecer uma política exclusivista, nem propriamente uma política, mas com a disposição de lutar para que a sua civilização não pereça sufocada pela negação do espírito, pela proscrição dos direitos da pessoa humana, pela destruição das idéias da Pátria e da Fé, que foram em todos os lances da nossa vida coletiva os sustentáculos da unidade interna de cada uma de suas Nações.

Não é, porém, a política, em sua expressão mais concreta, o que nos reúne, já que a grave hora presente nos encontra alistados, quase todos, com outros povos de origens e idiomas diversos, sob os princípios e ideais da democracia internacional formulados pelas Nações Unidas. Nossos povos têm, porém, um rumo histórico naturalmente definido, que nos obriga a preservar o patrimônio de nossa cultura de tudo que ameace de indistinção ou de perecimento os monumentos erguidos ao longo de nossa experiência milenar. São séculos de civilização latina que teremos de defender - essa concepção mediterrânea da maneira de viver, de pensar e de sentir que se transmitiu a cenários geográficos tão distantes. Onde viverem os nossos povos - dentro do quadro das Nações Unidas ou da Organização dos Estados Americanos, ou fora de ambas essas organizações por força da geografia ou pelo odioso veto soviético -, lutaremos por todas as formas possíveis para que não se submirja o nosso patrimônio espiritual e cultural.

Este, Senhores Delegados e congressistas, não é o mundo dos homens nem dos povos isolados. É o mundo das grandes formações sociais e internacionais, para a conquista da paz e da fraternidade. A

União Latina vem, entre elas, ocupar a sua posição, a qual, por força de sua própria origem, é frontalmente contrária ao totalitarismo comunista. Não pretende ser uma ilha, mas sim vizinhar amistosamente com todos os povos do mundo livre. Bater-se-á para que se conservem as bases do humanismo latino, os princípios da liberdade de religião, das franquias pessoais e políticas: lutará para que se afirme vitoriosamente a superioridade do regime democrático de Governo; lutará por uma política de elevação do nível de vida de todos os povos, através da qual possamos alcançar o mais brevemente possível a emancipação das opressões e dos abusos do poder econômico. A atualidade alargou a órbita dos direitos do espírito e estendeu a esfera de participação nos benefícios da educação e da saúde, da ciência, da criação literária e artística, garantindo a igualdade de oportunidade para todos os seres humanos, num mundo quanto possível isento do medo, da miséria e da servidão.

Reunindo esta primeira Assembléia plenária, em que tomam assento delegados de todas Nações latinas do mundo, não nos quisemos privar do convívio de outros povos que aqui e alhures praticam os mesmos preceitos da nossa civilização; e é um orgulho ter ao nosso lado a presença dessas outras Nações ocidentais, umas deste Hemisfério, outras mais distantes, Nações que, sem prejuízo de seus caracteres próprios, conservam conosco a afinidade das idéias gerais, a mesma devoção ao predomínio da lei, à supremacia da justiça, ao império da liberdade e da independência dos povos, à incorporação de todas as conquistas sociais no esquema dos Direitos Políticos do Homem. Saúdo os delegados dessas Nações amigas que nos trazem o testemunho da sua afeição e de sua confiança.

Cumpre-me testemunhar ao Governo da República Francesa nosso agradecimento por ter dado à idéia da União Latina o primeiro e decisivo apoio, formando o seu Secretariado Internacional.

As Nações latino-americanas, não obstante o afastamento geográfico, conservam o contato com a sabedoria e a experiência dos povos latinos da Europa.

Quando, por ocasião da Conferência da Paz, em 1946, afirmei a necessidade de uma união mais estreita entre as Nações Latinas, pensava, interpretando os sentimentos do povo brasileiro, dar um sentido universal às nossas diretivas. Quis convocar a latinidade ao seu posto de honra na luta que travamos pela sobrevivência da nossa civilização.

Não deveremos recear o futuro se nos conservarmos unidos e aliados com todos os povos da mesma medida espiritual.

Talvez que, por um certo simbolismo, devamos restituir às praias do Mediterrâneo a idéia que nos mandaram há quatro séculos, numa outra caravela que já hoje dispensa ser tangida pelos ventos desta primavera tropical, mas que não deixaremos de carregá-la com as forças da nossa mocidade e das nossas esperanças na vitória final dos homens e dos povos livres".

João Neves da Fontoura.[5]

[5] N.E. – Texto extraído do Jornal do Commercio de 15/16 de outubro de 1951.

ATA FINAL

DO

I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA

Realizado no Rio de Janeiro,
de 14 a 19 de outubro de 1951

BRASIL

Em virtude de convite feito pelo Governo brasileiro, reuniram-se na cidade do Rio de Janeiro, a 14 de outubro de 1951, as Delegações dos países enumerados a seguir, por ordem alfabética, a fim de realizarem o I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

ARGENTINA:

Sr. Dr. Juan Cooke, Embaixador no Brasil.
Dr. Enrique Pedro Oliva – Diretor do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério das Relações Exteriores da Argentina.
Sr. Fernando Fernández Escalante – Primeiro-Secretário da Embaixada do Brasil.

BÉLGICA:

Sr. Etienne de la Vallée Poussin, Senador.

BOLÍVIA:

Sr. Alberto Virreira, Embaixador no Brasil.
Sr. Gustavo Medeiros, Ministro Conselheiro da Embaixada no Brasil.

BRASIL:

Sr. Dr. João Neves da Fontoura, ex-Embaixador em Lisboa, Membro da Academia Brasileira, Ministro das Relações Exteriores.
Sr. Dr. Ernesto Simões Filho, Ministro da Educação e Saúde.
Sr. Dr. José de Segadas Vianna, Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio.
Sr. Dr. Raul Fernandes, ex-Embaixador em Bruxelas, ex-Ministro das Relações Exteriores, Vice-Presidente da Comissão Brasileira da União Latina.

Sr. Dr. Oswaldo Aranha, ex-Embaixador em Washington, ex-Ministro das Relações Exteriores.
Sr. General Oswaldo Cordeiro de Farias, Comandante da Escola Superior de Guerra.
Sr. Dr. José Ferreira de Souza, Senador Federal, Professor da Universidade do Brasil.
Sr. Almirante Humberto Arêa Leão, Diretor da Escola Naval.
Sr. Prof. Pedro Calmon, ex-Ministro da Educação, Reitor da Universidade do Brasil, Membro da Academia Brasileira.
Sr. Prof. Aloisio de Castro, Presidente da Academia Brasileira.
Sr. Carlos Martins Pereira e Souza, Embaixador do Brasil.
Sr. Ministro Heitor Lyra, Chefe do Departamento Político e Cultural do Ministério das Relações Exteriores.
Sr. Dr. Afonso Arinos de Mello Franco, Deputado Federal.
Sr. Dr. Arthur Santos, Deputado Federal.
Sr. Ministro Ataulpho N. de Paiva, Membro da Academia Brasileira.
Sr. Dr. Levi Carneiro, Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, da Academia Brasileira.
Sr. Dr. Claudio de Souza, da Academia Brasileira, Presidente do Pen Club do Brasil.
Sr. Prof. Miguel Osório de Almeida, Membro da Academia Brasileira.
Sr. Prof. Antonio Carneiro Leão, da Academia Brasileira.
Sr. Prof. Olimpio da Fonseca, Diretor do Instituto Oswaldo Cruz.
Sr. Dr. Elmano Cardim, da Academia Brasileira, Diretor do "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro.
Sr. Austregesilo de Athayde, da Academia Brasileira, Secretário-Geral da Comissão Brasileira da União Latina.
Sr. Carlos Rizzini.
Monsenhor Costa Rêgo, Bispo Auxiliar da Diocese do Rio de Janeiro.
Sra. Adalgisa Neri Fontes.
Sra. Cecilia Meirelles.
Sra. Dinah Silveira de Queiroz.

Sra. Hildete Fávila.
Sra. Maria Eugenia Celso.
Sra. Dra. Romy Medeiros.
Sra. Rosalina Coelho Lisboa Larragoitti.
Sr. Dr. Arnoldo Medeiros, Professor da Universidade do Brasil.
Sr. Brigadeiro Guedes Muniz, ex-Diretor da Fábrica Nacional de Motores.
Sr. Ministro Mário Guimarães, Chefe da Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores.
Sr. Ministro Aguinaldo Boulitreau Fragoso, Chefe da Divisão do Cerimonial do Ministério das Relações Exteriores.
Sr. Ministro Orlando Guerreiro de Castro, Chefe da Divisão de Atos Internacionais.
Sr. Ministro Osório Dutra.
Sr. Renato Almeida, Chefe do Serviço de Informações do Ministério das Relações Exteriores.
Sr. Dr. Hermes Lima, Professor da Universidade do Brasil.
Sr. Prof. Demostenes Madureira de Pinho.
Sr. Tenente-Coronel Caio Miranda, Diretor da Agência Nacional.
Sr. Dr. Assis Chateaubriand, Diretor dos "Diários Associados".
Sr. Dr. Jayme de Barros Gomes, Conselheiro de Embaixada.
Sr. Prof. Américo Jacobina Lacombe, Diretor da Casa Rui Barbosa.
Sr. André Carrazzoni, Diretor de "A Noite".
Sr. Dr. José Maria Bello, ex-Senador Federal, Professor da Universidade do Brasil.
Sr. Augusto Frederico Schmidt, Jornalista e escritor.
Sr. Dr. Francisco San Tiago Dantas, Professor da Universidade do Brasil.
Sr. Dr. José Lins do Rêgo, Jornalista e escritor.
Sr. Dr. Carlos Delgado de Carvalho, Professor da Universidade do Brasil.
Sr. Maestro Heitor Villa-Lobos.

CHILE:

Sr. Osvaldo Vial Vial, Embaixador no Brasil.
Sr. Luis David Cruz Ocampo, ex-Embaixador na Rússia.
Sr. Rafael Vergara, Conselheiro de Embaixada.

COLÔMBIA:

Sr. Dr. Dario Botero Isaza, Embaixador no Brasil.
Sr. Carlos Albornoz, Embaixador no Paraguai.
Sr. Raimundo Emiliani Roman, Ministro Plenipotenciário no Uruguai.

COSTA RICA:

Sr. Dr. Edmondo Gerli de Pauliny, Encarregado de Negócios, interino, no Brasil.
Sra. Piedad de Mendiola, Adido Cultural da Legação no Brasil.
Sr. Eugenio Veiga Giraldez, Conselheiro da Legação no Brasil.
Sr. Juan Valenzuela Correge, Vice-Cônsul no Rio de Janeiro.

CUBA:

Sr. Gabriel Landa, Embaixador no Brasil.
Sr. Guillermo Martinez Marquez, Diretor de "El País".

REPÚBLICA DOMINICANA:

Sr. Dr. Victor Garrido, Embaixador no Brasil.

EL SALVADOR:

Sr. Dr. Ramón López Jiménez, Ministro Plenipotenciário no Brasil.
Sr. Bachiller Odgardo Bernal.

EQUADOR:

Sr. Arturo Borrero, Embaixador no Brasil.
Sr. Ministro Leopoldo Benitez Vinueza, Ministro no Uruguai.
Sr. Carlos Mantilla, Diretor do Jornal "El Comércio".

ESPANHA:

Sr. Ministro Juan Pablo de Lojendio, Diretor-Geral das Relações Culturais.
Sr. Juan Contreras y Lopez de Ayala, Marquês de Lozoya, ex-Diretor-Geral de Belas Artes, Acadêmico de Belas Artes.
Sr. Manuel Fraga Iribarne, catedrático da Universidade de Madri e representante do Instituto de Cultura Hispânica.
Sr. Florentino Perez Embid, Diretor da Propaganda, Catedrático de História e Descobrimento Geográfico.
Sr. Garcia Viñoles, Adido Cultural da Embaixada no Brasil.

FRANÇA:

Sr. Edgard Faure, Ministro da Justiça.
Sr. Louis Joxe, Diretor das Relações Culturais no Quai d'Orsay.
Sr. Marcel Abraham, Diretor das Relações Universitárias no Ministério da Educação Nacional.
Sr. Georges Duhamel, da Academia Francesa.
Sr. Jacques Duhamel, Chefe do Gabinete do Ministro da Justiça.
Sr. Pierre Jamme, Primeiro-Secretário da Embaixada no Brasil.

GUATEMALA:

Sr. Dr. José Luis Aguillar de León, Ministro Plenipotenciário.
Sra. Gloria Mendez Mina, Escritora, Observador.

HAITI:

Sr. Pierre Rigaud, Ministro Plenipotenciário no Brasil.
Sr. Pierre Carrié, Secretário da Legação no Brasil.

HONDURAS:

Sr. Virgilio R. Galvez, Ministro Plenipotenciário no Equador.
Sr. Manuel Soto Pontes, Cônsul no Rio de Janeiro.

ITÁLIA:

Sr. Giulio Andreotti, Deputado no Parlamento, Membro do Governo, Sub-Secretário de Estado na Presidência do Conselho de Ministros.
Sr. Giuseppe Tucci, Professor da Universidade de Roma.
Sr. Dr. Nicola de Pirro, Diretor-Geral na Presidência do Conselho de Ministros.
Sr. Dr. Giorgio Ceccherini, Jornalista e escritor.
Sr. Dr. Emanuele Cassuto, Diretor-Geral de "Unitália" e Diretor da "Voce d'Itália".
Sr. Dr. Alfredo Stendardo, Adido de Imprensa e Cultural na Embaixada no Brasil.

MÉXICO:

Sr. Dr. Antonio Villalobos, Embaixador no Brasil.
Sr. Fernando Lagarde y Vigil, Ministro Conselheiro, representante da Comissão Mexicana da União Latina.
Sr. José de Vasconcellos, representante da Comissão Mexicana da União Latina.
Senhora Thalia Perez.

NICARÁGUA:

Sr. Justino Sansón Balladares, Ministro Plenipotenciário no Brasil.
Sr. Dr. Julio Cesar Alegria, Conselheiro.

PANAMÁ:

Sr. José Ignácio Quirós y Quirós, Ministro Plenipotenciário no Brasil.

PARAGUAI:

Sr. Juan Boggino, Presidente do Instituto Paraguai-Brasil, Membro do Comitê Nacional Paraguaio, Professor da Faculdade de Medicina.
Sr. Dr. Ezequiel Gonzalez Alsina, Diretor do diário "La Unión", Membro da Comissão Paraguaia da União Latina, Secretário da Universidade do Paraguai.
Sra. Maria Concepción Leyes de Chaves, Presidente da Comissão Paraguaia da União Latina.

PERU:

Sr. Mariano Ibérico Rodriguez, Professor da Universidade de São Marcos.
Sr. Dr. Felipo Tudela, Embaixador no Brasil.

PORTUGAL:

Sr. Dr. Augusto de Castro, ex-Ministro Plenipotenciário em Paris, Presidente da Comissão Portuguesa da União Latina.
Sr. Dr. Alfredo Lencastre da Veiga, Primeiro-Secretário da Embaixada no Brasil.
Sr. Dr. Herculano Rebordão, Adido de Imprensa da Embaixada no Brasil

ROMÊNIA:

Sr. Constantin Vallimaresco, Ministro Plenipotenciário.
Sr. N. Dianu, Secretário-Geral da Comissão Romena da União Latina.
Sr. Jean Diamandy, da Comissão de Socorro à Romênia.
Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra Ion Economou, representante da Comissão Romena da União Latina.
Sr. Coronel Eduardo Ressel, Secretário-Geral da Comissão de Socorro à Romênia.

URUGUAI:

Sr. Oscar Secco Ellauri, Professor da Universidade de Montevidéu, ex-Ministro da Instrução Pública e das Relações Exteriores.
Sr. José Luiz Zorrilla de San Martin, escultor.

VENEZUELA:

Sr. Dr. Tito Gutierrez Alfaro, Embaixador no Brasil.

OBSERVADORES

Os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha e os Países-Baixos, embora nações não-latinas, foram convidados a enviar Observadores ao Congresso, com direito a voz, mas não a voto.

Da mesma forma, as Nações Unidas e a UNESCO.

Esses observadores foram os seguintes:

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Sr. Sheldon T. Mills, Ministro Conselheiro da Embaixada no Brasil.
Sr. Alan K. Manchester, Adido Cultural da Embaixada no Brasil.

GRÃ-BRETANHA:

Sir Nevile Montagu Butler, Embaixador no Brasil.
Mr. Vernon Elliot Blomfield, Representante do Conselho Britânico no Rio de Janeiro.

PAÍSES-BAIXOS:

Sr. T. Elink Schuurman, Ministro no Brasil.
Barão M. W. H. Collot d'Escury, Secretário da Legação no Brasil.

NAÇÕES UNIDAS:

Sr. Benjamin Cohen, Secretário-Geral Adjunto.

UNESCO:

Sr. Dr. Prof. Paulo B. Carneiro, Presidente do Conselho Executivo da UNESCO.

A SANTA SÉ, especialmente convidada, fez-se representar por um observador, Monsenhor João Ferrofino, Auditor da Nunciatura Apostólica no Rio de Janeiro.

SECRETARIADO DA UNIÃO LATINA EM PARIS

O Secretariado da União Latina em Paris também compareceu ao Congresso, representado por:

Sr. Pierre Cabanes, Secretário-Geral.
Sra. Dominique Martin, Encarregado de Missão para Propaganda.
Sr. Jacques Maloubier, Adido de Imprensa.

SECRETARIA GERAL

O Governo brasileiro designou para Secretário-Geral do Congresso Sua Excelência o Senhor Embaixador Heitor Lyra e para Secretário-Geral Adjunto o Senhor Conselheiro Jayme de Barros Gomes.

SESSÃO PREPARATÓRIA

Às 16,30 horas do dia 14 de outubro de 1951, levou-se a efeito, no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, sob a presidência de Sua Excelência o Senhor Embaixador João Neves da Fontoura, Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil, a Sessão Preparatória do Congresso, a qual foi secretariada pelos Senhores Secretário-Geral e Secretário-Geral Adjunto.

Nessa sessão foram examinados e debatidos vários assuntos referentes à reunião, tais como: verificação das credenciais; votação do Regimento; eleição do Presidente do Congresso; sorteio da precedência dos Vice-Presidentes; fixação da ordem dos trabalhos; organização das comissões; escolha de dois oradores, um da América e outro da Europa, para falarem na Sessão de Instalação.

SESSÃO DE INSTALAÇÃO

No dia 15 de outubro, no mesmo local, o Excelentíssimo Senhor Embaixador João Neves da Fontoura, Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil, declarou solenemente instalado o I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA.

PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTES

Foi eleito Presidente do I Congresso da União Latina o Senhor Embaixador João Neves da Fontoura, Ministro de Estado das Relações Exteriores e Chefe da Delegação do Brasil.

Para Vice-Presidentes foram eleitos, por sorteio, na seguinte ordem de precedência, os Senhores Chefes das Delegações de Portugal, Nicarágua, Uruguai, Paraguai, Peru, República Dominicana, Haiti, Equador, México, El Salvador, Bolívia, Honduras, Venezuela, Costa Rica, Espanha, França, Itália, Colômbia, Bélgica, Argentina, Guatemala, Chile e Cuba.

CONSTITUIÇÃO DAS COMISSÕES

Em sua Sessão Preparatória, o Congresso decidiu que seriam constituídas sete Comissões, assim dispostas:

1ª COMISSÃO: de Coordenação; 2ª COMISSÃO: Estudo da matéria do item 1º do artigo 4º do Regimento do I Congresso; 3ª COMISSÃO: Estudo da matéria do item 2º do mesmo artigo; 4ª COMISSÃO: Estudo da matéria do item 3º do mesmo artigo; 5ª COMISSÃO: Estudo da matéria do item 4º do mesmo artigo; 6ª COMISSÃO: Estudo da matéria do item 5º do mesmo artigo; 7ª COMISSÃO: "de Estilo".

RESOLUÇÕES E RECOMENDAÇÕES

I

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

EXPRESSA O DESEJO de que os organismos de cultura existentes em cada um dos países da União Latina, por intermédio dos outros países da mesma União, fortaleçam as suas relações de amizade, incrementem a troca de informações, se informem mutuamente de tudo o que concerne à vida da latinidade, bem como de suas realizações espirituais e seu futuro.

EXPRESSA O DESEJO de que:

O LIVRO, instrumento essencial da cultura, seja admitido em todos os países da União Latina com isenção de direitos alfandegários; todas as disposições sejam tomadas a fim de facilitar a sua difusão;

cada país forneça as necessárias informações destinadas a orientar os serviços da imprensa e das livrarias;

seja obtida das companhias de navegação a devolução gratuita dos livros não vendidos;

a difusão de revistas e publicações periódicas do mundo latino seja fomentada pelas administrações competentes, que se obrigarão a subscrever assinaturas;

as traduções sejam intensificadas e favorecidas pelos editores que deverão zelar pela sua fidelidade em todos os países da União;

prêmios e recompensas sejam instituídos para favorecer e estimular os autores das melhores traduções".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

II

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

EXPRESSA O DESEJO de que:

se chame especialmente a atenção da crítica e do público sobre os ESPETÁCULOS dedicados às obras dos países da União Latina, o que de nenhum modo implicaria entravar a independência do espírito crítico, mas imporia aos observadores o sentimento da solidariedade latina;

a mesma especial atenção seria consagrada aos concertos, às exposições e a todas as outras manifestações artísticas, literárias ou científicas".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

III

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

RESOLVE PROPOR que:

Uma EXPOSIÇÃO DA CIVILIZAÇÃO LATINA seja realizada em 1953:

esse certame seria constituído pela documentação gráfica, pela reconstituição material, pela reprodução artística, pela síntese evocativa de cada uma das descobertas, das iniciativas, das realizações com que cada um dos Povos Latinos, em vinte séculos de História, contribuiu para a evolução do progresso moral e material da Civilização do Ocidente".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

IV

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

RECOMENDA

I – o estabelecimento de uma comissão coordenadora do estudo e eventual resolução dos problemas que concernem diretamente a elevação do nível de vida dos povos que formam a União Latina;

II – se estabeleçam as sub-comissões que a comissão principal julgar necessárias, para que se encarreguem do estudo da eventual resolução dos problemas de caráter regional, que por suas características especiais se apresentarem em qualquer região geográfica das nações pertencentes à União Latina".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

V

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

RECOMENDA:

I – A cooperação das Nações Latinas para intensificar a migração dos países latinos da Europa para os da América, especialmente para aqueles de escassa população em relação à sua extensão territorial.

II – O estudo e a adoção de um plano de migração organizado pelos países latinos interessados, de forma a constituir esta a maior corrente migratória e com o objetivo de preservar, assim, os princípios fundamentais em que se baseia a civilização latina;

III – Solicitar a colaboração dos organismos nacionais e internacionais para obter este fim".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

VI

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

Preocupando-se em defender a cultura e a civilização latinas

RECOMENDA que:

Os órgãos da União Latina estendam sua atividade aos domínios científicos e técnicos, fazendo conhecer as realizações da técnica latina e favorecendo o intercâmbio de técnicos e estudantes entre os diversos países da América Latina".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

VII

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

RECOMENDA que:

Os países da União Latina:

I – Favoreçam de preferência a imigração das populações dos países pertencentes à grande comunidade latina;

II – Proclamem que a aquisição da nacionalidade da nova pátria de adoção se concilie perfeitamente com o amor filial da pátria de origem, ligadas uma e outra por uma origem comum ideal e cultural;

III – Solicitem aos seus governos respectivos que adotem as medidas necessárias a beneficiar os imigrantes de todas as vantagens materiais que a legislação trabalhista garante aos trabalhadores nacionais, e o reconhecimento daqueles já adquiridos em seu país de origem, e coloque o trabalhador estrangeiro na condição de se fazer acompanhar pela sua família, já que é somente na vida familiar que se pode desenvolver a consciência cristã da medida e da responsabilidade civil e social".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

VIII

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

Considerando a necessidade de uma política social que levante o nível de vida dos povos dos países latinos, evitando que se tornem presa das ideologias que visam destruir o que há de mais autêntico e mais típico na concepção latina do Estado;

Consciente da urgência e gravidade especial dos problemas econômicos e sociais que foram objeto de suas deliberações e estimando que, somente se se lhes der uma solução imediata, se podem deter as ideologias contrárias ao espírito latino, que constituem uma ameaça para a nossa civilização e que se manifestam geralmente com a maior violência onde o nível de vida é mais baixo,

RECOMENDA:

Que se conceda especial prioridade à resolução destes problemas básicos e imediatos, tendo em conta especialmente o melhoramento da previdência social nos respectivos países e a dignificação da condição dos trabalhadores, de acordo com os princípios da justiça social".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

IX

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

Considerando:

Que a igualdade jurídica dos sexos é princípio vencedor no direito moderno:

Que a IX Conferência Internacional Americana de Bogotá também proclamou a necessidade de concessão dos direitos políticos à mulher, orientação esta adotada na Carta das Nações Unidas e na Declaração Universal dos Direitos Humanos;

Que, entretanto, ainda há Estados Latinos, embora em reduzido número, onde essa igualdade ainda não está consagrada com plenitude,

RECOMENDA:

Que em todas as Nações de cultura Latina se afirme legalmente o princípio da igualdade jurídica, civil e política dos sexos, abolindo-se restrições incompatíveis com o espírito moderno".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

X

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

RECOMENDA:

A fundação de um Centro de Altos Estudos Latinos que tenha por missão registrar e coordenar as atividades das diferentes instituições culturais que se dedicam em todos os países a esses estudos, reunir e estimular todas as iniciativas que possam promover a difusão da cultura latina em todo o mundo.

Esse Centro de Altos Estudos Latinos, de natureza internacional, funcionará independente de quaisquer outros organismos existentes e terá sede em Roma.

Uma Comissão composta de 7 membros, 4 da Europa e 3 da América designados pela Assembléia, preparará as bases de ordem técnica e econômica pare submetê-las ao próximo Congresso da União Latina.

Para o que,

CONCITA as diferentes Delegações a se empenharem junto aos seus respectivos Governos a fim de obter o apoio econômico necessário para levar a termo essa missão.

PROPÕE, além disso, sejam criados três institutos de interesse relevante para a cultura latina: um Instituto Latino de Direito

Comparado em Paris, um Instituto de História Latino-Americana em Sevilha e um Instituto Latino de Estudos Geográficos, com sede em Lisboa".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

XI

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

RESOLVE:

Parágrafo único – Proclame-se a RUBEN DARIO Poeta da Latinidade".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

XII

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

No interesse dos países da União Latina e a fim de evitar que os produtores cinematográficos sejam exclusivamente orientados por interesses materiais, e inspirado, ainda, em motivos de ordem espiritual,

RECOMENDA:

Atenção para os assuntos de alto valor espiritual que contribuírem para o desenvolvimento da nossa civilização em cada um dos países da União;

Divulgação da caracterização cultural de cada povo, através do seu folclore e da interpretação do sentido genuinamente nacional da sua literatura e das suas outras criações artísticas".

(Aprovada na Sessão Plenária de 19 de outubro de 1951).

XIII

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

Considerando que o prodigioso desenvolvimento do Cinema não deve acarretar o desaparecimento do Teatro, que é um dos santuários da alma nacional,

RECOMENDA:

A todas as Universidades dos países latinos a criação do TEATRO DOS ESTUDANTES, visto os grandes resultados culturais obtidos pelo teatro universitário nos países onde ele existe já organizado".

(Aprovada na Sessão Plenária de 19 de outubro de 1951).

XIV

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

RECOMENDA a todos os governos dos países latinos:

I – que os chamados povos latinos exijam para os efeitos de naturalização de estrangeiros conhecimentos mais profundos das suas línguas;

II – que seja intensificado, no ensino, o estudo da língua e literatura grega e latina, imprescindíveis a uma sólida formação das culturas românicas, e elemento de excepcional importância para nossa formação intelectual e moral;

III – que seja tornado preferencial o ensino das línguas neo-latinas, nos ginásios;

IV – que se difunda nos liceus, universidades e outros organismos culturais o conhecimento das obras mestras da literatura originária dos povos latinos".

(Aprovada na Sessão Plenária de 19 de outubro de 1951).

XV

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

Considerando que é preciso multiplicar nos países da União Latina as possibilidades de intercâmbio de professores e estudantes de todas as disciplinas;

Considerando que é preciso recensear e divulgar os recursos de que dispõem os diversos países, tanto do ponto de vista do ensino e de pesquisas como das bolsas oferecidas, da acolhida e dos locais de estágio onde sejam assegurados entre os estudantes das diversas nações latinas uma vida em comum e preciosos contatos;

RECOMENDA que:

Para esse fim seja criado junto ao Secretário-Geral um centro prático de documentação e de orientação para favorecer o intercâmbio universitário".

(Aprovada na Sessão Plenária de 19 de outubro de 1951).

XVI

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

RECOMENDA:

Aos governos que intercedam junto às instituições escolares a fim de que os textos utilizados pelas referidas instituições não insistam sobre os acontecimentos que dividem os povos, mas antes focalizem os ideais comuns e essenciais da Civilização Latina para incutir na juventude a idéia dessa unidade".

(Aprovada na Sessão Plenária de 19 de outubro de 1951).

XVII

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

RESOLVE:

Exprimir o desejo de que, em cada país onde existir uma ou mais escolas de aviação civil ou militar, o nome de Santos Dumont seja dado a um desses estabelecimentos".

(Aprovada na Sessão Plenária de 19 de outubro de 1951).

XVIII

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA:

Reconhecendo a importância do papel histórico que os povos de origem latina desempenhem na evolução das idéias e no desenvolvimento da civilização no Mundo;

E afirmando solenemente os laços que os unem para salvaguarda desse patrimônio comum;

PROCLAMA:

A necessidade de consolidar-se a União Latina com os seguintes objetivos:

I – Assegurar a salvaguarda dos princípios sobre que repousam a civilização latina e os estilos de vida e pensamento que constituem suas características essenciais;

II – Favorecer os laços espirituais e o intercâmbio intelectual entre os povos latinos.

Para esses efeitos adotam-se as seguintes

BASES

I – O próximo Congresso da União Latina se reunirá, dentro de dois anos, na cidade que for designada pelo atual Congresso.

II – O presente Congresso elegerá um Delegado-Geral, com sede em Paris, que diligenciará, até a realização do segundo Congresso, a execução das decisões ora tomadas e preparará os trabalhos da reunião seguinte.

III – Para desempenho de suas funções o Delegado-Geral trabalhará mantendo-se em relação com os Governos e as Comissões das Nações Participantes, podendo também entretê-la com qualquer Associação de fins análogos aos definidos pelo Congresso da União Latina.

IV – Em cada país aderente à União Latina deve ser constituída uma Comissão Nacional.

Os Delegados presentes sugerem aos Governos e aos povos latinos, para esse efeito, o seguinte:

I. As Delegações ao próximo Congresso devem ser constituídas por delegados designados pelos governos das nações participantes. Essas delegações terão representação das Comissões Nacionais aludidas no item IV.

II. Poderão também ser convidados a assistir os trabalhos do Congresso, como observadores, representantes de países que não pertençam à União Latina ou de outras Organizações Internacionais.

III. O segundo Congresso apreciará os relatórios sobre a gestão do Delegado-Geral e sobre a situação financeira da União. Aprovará as contas de sua gestão; votará o orçamento para o próximo exercício e deliberará sobre as questões incluídas na ordem do dia. O relatório anual e as contas serão remetidos aos governos e aos presidentes das comissões nacionais.

IV. O próximo Congresso fixará o Orçamento da União Latina e determinará contribuição de cada participante para esse orçamento. Serão criadas Comissões Nacionais nos diversos países de União Latina sob os auspícios dos respectivos Governos, os quais poderão atribuir tal caráter a Comissões existentes nesses países, desde que tenham os mesmos fins.

Fica expressamente ressalvado que nenhuma das decisões e sugestões adotadas importa no compromisso de criar uma Associação de Estados".

(Aprovada na Sessão Plenária de 19 de outubro de 1951).

XIX

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA,

Reunido no Rio de Janeiro, formula a seguinte:

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

Em face de atual situação do mundo, os povos latinos, unidos por um destino comum e ligados por laços de solidariedade e comunhão de ideais com os demais países livres, reafirmam a sua fé na dignidade e na liberdade da pessoa humana, em seus direitos fundamentais, na soberania e integridade das Nações, no império do Direito, na Justiça Social e na supremacia dos valores espirituais que constituem o acervo de sua civilização humanista e cristã".

Repelem todas as formas de servidão, tanto econômicas como políticas.

E confiam em que estas normas inspirem a conduta dos governantes e dos povos do mundo".

(Aprovada na Sessão Plenária de 19 de outubro de 1951).

DECLARAÇÕES

I

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA

DECLARA:

Que é exemplo do gênio feminino latino a ilustre poetisa Juana de Asbaje, Sóror Juana Inês de la Cruz, nascida no México, em San Miguel Neplanta, aos doze de novembro de 1651".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

II

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA

DECLARA:

Que é exemplo do gênio latino a egrégia figura de Simón Bolívar, o Libertador".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

III

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA

DECLARA:

Que são exemplos do gênio latino as egrégias figuras de José de San Martin e Bernardo O'Higgins, libertadores americanos".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

IV

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA

DECLARA:

Exemplo do gênio latino a figura insigne de Francisco Morazán, pai das pátrias centroamericanas e herói da liberdade e da democracia da América Central".

(Aprovada na Sessão Plenária 18 de outubro de 1951).

V

"O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA

DECLARA:

Ser essência da latinidade o respeito à pessoa humana e a seus direitos e liberdades fundamentais, que são as maiores conquistas da verdadeira civilização".

(Aprovada na Sessão Plenária de 18 de outubro de 1951).

HOMENAGENS DO CONGRESSO

O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA prestou homenagem em suas sessões plenárias à memória de:

IZABEL, a CATÓLICA, cujo quinto centenário se celebra no corrente ano, como uma eminente representante do gênio latino;

SANTOS DUMONT, cujo cinqüentenário do primeiro vôo dirigido coincide com a data do seu encerramento, como um representante do gênio latino;

DANTE, CAMÕES e VICTOR HUGO, também exemplos desse gênio;

ARTIGAS, um dos próceres da América Latina;

ENRIQUE GÓMEZ CARRILLO, também chamado o Príncipe dos cronistas.

VOTO DO CONGRESSO

O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA envia aos povos latinos da Europa Oriental a expressão da sua profunda simpatia e formula votos pela preservação do gênio latino de que são esses povos depositários.

DECISÕES DO CONGRESSO

O I CONGRESSO DA UNIÃO LATINA decidiu designar como sede do próximo Congresso da União Latina, que deve reunir-se dentro de dois anos, a cidade de Madri, capital da Espanha;

Decidiu designar o Sr. Dr. Paulo Estevão de Berredo Carneiro para exercer o cargo de Delegado-Geral;

Decidiu estabelecer a composição da comissão encarregada de redigir as bases de ordem técnica e econômica segundo as quais se deverá reger o Centro de Altos Estudos Latinos, da seguinte forma: Espanha, França, Itália e Portugal, pela Europa; e Argentina, Chile e México, pela América.

Decidiu ainda manifestar o desejo de que os Representantes do Comitê Nacional Romeno, com sede em Washington, continuem a participar de todos os trabalhos da União Latina.

FEITA no Palácio Itamaraty, no Rio de Janeiro, aos dezenove dias do mês de outubro de mil novecentos e cinqüenta e um, data do encerramento do I Congresso da União Latina.

ARGENTINA: Juan I. Cooke
BÉLGICA: E. de la Vallée Poussin
BOLÍVIA: A. Virreira
CHILE: O. V. Vial
COLÔMBIA: Dario Botero
COSTA RICA: Edmondo Gerli
CUBA: Gabriel Landa
REPÚBLICA DOMINICANA: Victor Garrido
EL SALVADOR: R. López Jiménez
EQUADOR: Arturo Borrero
ESPANHA: J. P. de Lojendio
FRANÇA: Edgard Faure
GUATEMALA: José Luis Aguilar de León
Gloria Mendez Mina

HAITI: Pierre Rigaud
HONDURAS: Virgilio R. Galvez
ITÁLIA: Nicola de Pirro
MÉXICO: Antonio Villalobos
NICARÁGUA: J. Sansón B.
PANAMÁ: J. I. Quirós Q.
PARAGUAI: Fabio da Silva[6]
PERU: Mariano Ibérico
PORTUGAL: Augusto de Castro
ROMÊNIA: C. Vallimaresco
URUGUAI: Oscar Secco Ellauri
VENEZUELA: Tito Gutierrez Alfaro
BRASIL: João Neves da Fontoura
Raul Fernandes

CERTIFICO que a presente é cópia fiel da ATA FINAL do I Congresso da União Latina, assinada no Rio de Janeiro, a 19 de outubro de 1951.

HEITOR LYRA
Secretário-Geral do I Congresso da União Latina.

[6] N. E. – No rodapé desta página, a seguinte nota explicativa: "O Excelentíssimo Senhor Fábio da Silva, Embaixador do Paraguai junto ao Governo brasileiro, foi credenciado pelo Comitê Paraguaio para a União Latina para assinar, em seu nome, a Ata Final".

G. DE ESCRAGNOLLE-TAUNAY

DE LA NÉCESSITÉ

D'UNE

LIGUE LATINE

PARIS

Imprimerie G. Camproger, 52, rue de Provence

DE LA NÉCESSITÉ D'UNE LIGUE LATINE

Le paradoxe de la décadence des races latines, soigneusement entretenu par les races rivales et concurrentes, a déjà fait trop de chemin. Il est temps d'en montrer l'erreur et d'en combattre les effets.

Nous sommes à l'heure actuelle, de par le monde, nous autres de la grande famille latine, quelque chose comme cent soixante-dix millions de mortels, soit plus d'un dixième de la population totale du globe, et cela sans compter les peuples soumis à notre domination immédiate ni ceux qui gravitent autour de nous. Notre domaine mondial est d'un quart environ de la surface des terres de la planète, puisque cettte surface est de cent-trente-cinq millions de kilomètres carrés et que nous en possédons plus de trente-quatre millions.

L'opulence naturelle et la douceur du climat d'une énorme partie de ce domaine, sans parler des conditions sociales de "la vie" dans les pays qui le constituent, sont telles qu'il y fait bon respirer: aussi l'émigration des travailleurs les mieux doués, voire des intellectuels d'autres races, s'y porte déjà: elle s'y portera invinciblement de plus en plus, en masse à la fin, si nous savons la favoriser. Tout ces éléments nouveaux en dermier ressort viennent s'y fondre, s'y assimiler, de manière à augmenter nos ressources de vitalité, de force et de prospérité.

Cet apport, même à son allure modérée d'aujourd'hui, s'ajoutant à une natalité générale considérable, doublera peut-être nos affectifs d'ici la fin de ce siècle.

Voici donc déjà, à notre actif, deux facteurs: – puissance numérique, puissance territoriale – de nature à nous départir une place et un rôle considérables dans l'équilibre des races humaines en ce monde, dans leur développement à venir.

Mais ce n'est pas tout. Du côté des dons de l'esprit et des qualités physiques nous sommes également fort bien partagés. Notre

intelligence est vive, souple, à grandes envolées parfois, mais garde toujours un fonds de sens pratique très réel. Notre imagination est ardente, chevaleresque... Le courage en nous est doublé d'une endurance à la fatigue et d'une sobriété qu'ignorent les Anglo-Saxons et les Germains. Bref, notre énergie potentielle est de premier ordre. Vieille race, nous nous sommes retrempés, de ci, de là, au contact de la nature vierge, et nous y avons puisé l'ardeur d'une race jeune, trop jeune même, sans paradoxe, qui cherche sa voie et ne demande qu'à rayonner et à prendre un nouvel essor. Le métal en est excellent.

Quant à nos "états de service" à l'humanité, à travers les siècles, dans l'ancien comme dans le nouveau continent, ils sont si notoires que les redire serait vanité. Nous avons civilisé le monde; nous avons façonné les sociétés modernes: cela pour le passé.

Aujourd'hui encore la première place nous appartient dans le domaine moral et intellectuel qui, somme toute, prime les autres. La France n'est-elle pas la dispensatrice de la gloire, même de la simple renommée parfois, pour les éclaireurs de la pensée humaine, pour les innovateurs, les artistes, et n'est- elle pas la vulgarisatrice de leurs doctrines et de leurs œuvres en ce qu'elles ont de meilleur? Quel est le progrès réel, d'ordre universel, qui se fait sans la France? Quelle est la vibration supérieure qui agite le monde sans passer par Paris, sans en recevoir une empreinte? L'humanité pourrait-elle se dispenser de l'esprit de synthèse des Français, metteurs au point des idées générales ? Or, Paris et la France c'est nous, c'est notre cerveau, notre cœur.

Qu'importe, après tout, que dans telle ou telle branche de l'ndustrie, dans l'expansion commerciale même, à un moment donné, la suprématie se trouve ailleurs? Rattraper le progrès matériel est chose aisée lorsque on en a le ressort et le ferme propos.

Il est donc encore superbe, notre présent, bien que sensiblement amoindri, hélas! Mais que sera notre avenir ?

Notre avenir? Il sera ce que nous le ferons. A nous de le créer. Nous disposons de tout ce qu'il faut pour nous hausser au premier

rang et peser d'un poids prépondérant dans la marche en avant de l'humanité, de pair avec les Slaves et les Anglo-Saxons. A nous de mettre en œuvre les éléments que nous possédons pour y arriver. Le succès est entre nos mains.

Et serait-ce folie que de se figurer, dans deux ou trois siècles d'ici, les Slaves et les Latins, en parfaite communion de vues, dominant la scène élargie du monde?

Quoiqu'il en soit, il est indéniable que nous sommes de taille à jouer un rôle prépondérant dans la succession des étapes de l'humanité future, et qu'il ne dépendra que de nous de le jouer. Malheureusement on dirait que nous prenons à tâche de l'ignorer et de prêter une oreille complaisante à ceux d'entre nous ou d'entre nos rivaux, – et ils sont légion, ceux-là, – qui s'appliquent à nous persuader, avec trop de succès, que nous sommes en pleine décadence et que bientôt nous serons relégués au rang de quantité négligeable.

Eh bien! il faudrait que nous sachions, d'une bonne fois, qu'il n'en est rien, et que nous nous rendions un compte à peu près exact de notre valeur et de nos ressources morales et matérielles; que nous soyons convaincus que pour reprendre la place que l'on nous dispute si âprement à la tête de l'humanité, il nous suffirait de *vouloir* et d'agir avec méthode; esprit de suite et précison, dans ce but.

Mais, diront sûrement des censeurs sceptiques, où est-elle donc l'unité qui fait de vous, éléments disparates, une race? Mon Dieu, elle est dans la similitude de nos langues, dans nos affinités ataviques et autres, dans notre manière de sentir, de concevoir, d'envisager les hommes et les choses, dans nos défauts même, surtout peut-être, car nous en avons de très grands. Et là se trouve justement la cause du mal dont nous souffrons, l'ivraie à déraciner avec patience et persévérance. De ces défauts, le plus dangereux, de par son germe mortel, est la passion subversive et complexe, dissolvante, qui nous fait dépenser le meilleur de nous, de notre existence, de nos forces,

en des luttes intestines et des compétitions, aussi stériles et épuisantes pour nous en tant que peuples, que pour la race.

Si nous parvenions dans les limites de chacun de nos pays à associer nos efforts en vue du bonheur collectif, notre importance en tant qu'*unités nationales* serait autrement considérable. Et si, en même temps, nous parvenions à travaillier à l'accord synergique de nos *unités nationales* entre elles, – oh ! sans ombre d'idée d'empiètement d'aucun ordre des unes sur les autres, chacune gardant sa pleine et entière autonomie, – alors, oui, nous serions à même de réaliser nos hautes destinées, sans rien avoir à craindre de qui que ce fut.

Le sang a coulé à flots dans l'Amérique Latine, il y coule encore, du fait de compétitions de coteries en appétit de pouvoir, en des luttes où l'intérêt général est sacrifié un peu par tous, quoique chaque parti s'en prétende le représentant et le défenseur. Et, dans tant de chocs fratricides de peuple à peuple, dans tant de conflits presque toujours inutiles et injustifiés, quel affreux gaspillage d'hommes, de richesses, de prestige, de maints autres éléments de vitalité!..

Dans l'Europe Latine on ne se déchire pas aussi cruellement, certes, mais les questions sociales, politiques et religieuses y prennent encore, trop souvent, une acuité telle que la vie des pays où elles s'exaspèrent subit de véritables arrêts et que l'on y semble parfois à la veille des plus douloureuses épreuves.

Quant aux rapports internationaux ils s'enveniment, se font alarmants, là aussi, maintes fois, pour les raisons les plus futiles. Les "phobies" s'en mêlant, nos Latins en viennent alors aux menaces, aux grincements de dents, à la guerre de tarifs, à une telle surexcitation que la moindre étincelle serait susceptible, à certains de ces moments, de mettre le feu aux poudres.

En présence de voisins puissants qui, eux, progressent sans cesse et savent former bloc tout au moins en tant que nations dans leurs rapports avec les autres nations, de rivaux qui n'aspirent et ne tendent qu'à nous imposer leur suprématie, un tel état de choses est lamentable.

Ce qui se passe dans l'Amérique Latine équivaut à un lent suicide.

Si le fait n'est pas indifférent pour l'humanité, car l'on n'ignore pas combien nécessaires pour sa "*santé*" et son progrès, sont l'équilibre et le développement parallèle des grandes races qui la composent, pour l'Europe il a une portée exceptionnelle. Mais c'est surtout pour les Latins du vieux monde que ce fait a son maximun d'importance, devient une sorte de question de vie ou de mort. Pour eux, en effet, l'Amérique Latine est le foyer d'énergie et de puissance d'où pourra leur venir, dans le futur, par un mouvement naturel de reflux vivifié, à eux, qui l'ont formée, *s'ils sont capables de compléter leur œuvre,* le renouveau de sève qui leur permettra de se maintenir à leur rang, malgré la marche en avant accélérée de rivaux intrépides et forts.

Donc, le mal ne met pas seulement en danger une nationalité ou une autre, il atteint la race elle-même dans ses sources vives et ses destinées.

Remonter un tel courant, dont les conséquences funestes apparaissent plus claires de jour en jour, faire éclore la tolérance et la concorde, si non l'amour et la solidarité, là où règnent l'égoïsme, l'indifférence, les rancunes haineuses, les appétits mesquins, nombre de germes encore de dissolution et de mort, est assurément une tâche difficile et considérable. Le triomphe définitif n'est possible que par une action continue et une volonté inébranlable, par la réalisation d'un programme simple, nettement défini, toujours le même dans ses grandes lignes, transmis de génération en génération.

Cette tâche, pour ardue qu'elle soit, n'est nullement au-dessus des forces de ceux qui peuvent et doivent s'en charger. L'œuvre d'ailleurs est pour ainsi dire déjà amorcée. Son premier pas ne vient-il pas d'être fait par le rapprochement de la France et de l'Italie? Honneur à ceux qui l'ont rendu possible, honneur à ceux qui l'ont réalisé. Un autre événement des plus marquants est à signaler dans le même ordre d'idées: la conclusion du traité d'arbitrage entre le Chili et la République Argentine. Des questions de frontière d'une gravité

extrême, des armements gigantesques présageaient une guerre fratricide. Une entente pacifique a assuré la solution la plus favorable aux intérêts des parties en présence et aux intérêts supérieurs de notre race...

De nombreux symptômes révèlent en outre que des penseurs, des hommes de science, des patriotes à l'esprit éclairé s'inquiètent à juste titre, dans tous les pays latins, d'une situation aussi grosse de maux et de ruines. Mais ces foyers de prévoyante énergie sont isolés, ont un rayonnement trop restreint. Groupés, rapprochés, unis, opérant harmonieusement, leur pouvoir agissant centuplerait au grand avantage des Latins et de leur cause universelle, au grand avantage de l'humanité également.

De là la nécessité d'une *Ligue Latine*, que nous voudrions voir constituée autour de ce faisceau de nouveaux *conquistadores* et livrant le bon combat, non seulement dans le but d'assurer une union plus étroite et une pénétration réciproque, plus complète entre tous les peuples de notre race, mais encore dans le but de doter chacun d'eux de l'éducation sociale et *latine* dont le besoin est si urgent pour nos collectivités.

Rendre plus robuste le patriotisme des citoyens en le mettant au point et en lui donnant sa vraie efficacité, réveiller en même temps, dans leurs cœurs et leurs consciences, la notion de la race et de ses aspirations légitimes, de sa grandeur; tel devrait être, à notre avis, le double but de cette éducation.

Qu'une œuvre d'une aussi haute envergure ne peut être entreprise et accomplie que par l'*élite*, que par la fleur des Latins des deux mondes, point n'est besoin de le dire. La foule ne crée rien. Elle reste toujours tourbe, "nébuleuse inerte qui ne devient étoile que par attraction, obéissance et amour autour du "*noyau héroïque*", ainsi que le dit si justement et si superbement Henri Mazel.

Le "noyau héroïque", une fois constitué, grouperait autour de lui, pour travailler à raffermir l'âme latine et créer l'avenir de notre

race, toute une pléiade de patriotes avisés, d'esprits et de cœurs élevés, de dévouements précieux, qui, d'accord avec lui et obéissant à son impulsion entreprendrait de façonner la masse par l'exemple, la parole et la plume, en jetant dans les sillons populaires l'ensemencement des idées fécondes qui préparent les grands événements.

"Les Latins sont capables de tout, quand on les regarde" a formulé un penseur profond, autant qu'observateur sagace. Rien de plus vrai. Il le savait bien, l'incomparable manieur d'honneur qui rendait son armée invincible, à un moment difficile, avec dix mots: "Soldats, du haut de ces pyramides, quarante siècles vous contemplent".

Nous sommes ainsi trempés qu'il nous faut des illusions sublimes pour nous entraîner à de grandes actions. Tenons-en donc compte. Et puisque les symboles ont un si exceptionnel pouvoir sur nous, pourquoi ne pas instituer chez nous, systématiquement, ce culte des hauts faits et des souvenirs glorieux de notre race qui, en donnant à nos descendants une cohésion et un esprit de discipine dont nous manquons, est susceptible de les rendre dignes de recueillir le patrimoine, trop lourd pour nos épaules, des ancêtres qui ont porté si haut et si loin le nom et le prestige de notre race?

Animé de ce souffle, un livre est à écrire: l'*Evangile latin.* En style abondant et imagé, mais avec une probité parfaite, on y redirait nos exploits et nos gloires, ainsi que les services rendus par nous à l'humanité, tout en prêchant les devoirs que notre passé incomparable nous impose en vue spécialement de l'avenir. Traduit en toutes nos langues et dialectes, ce livre serait destiné à pénétrer partout, dans les foyers les plus humbles comme dans les palais, pour faire vibrer le cœur de la femme et de l'enfant, pour exalter les plus nobles facultés de l'homme. Des morceaux choisis en figureraient dans les programmes de l'enseignement public, dans ceux surtout des écoles primaires, pour que les tout petits, en apprenant à lire, se nourrissent des pages de notre histoire déjà entendue en légendes sur les genoux

de leurs mères, s'imprègnent, dès l'aurore de la vie, des mâles vertus qui font la force des générations et des peuples, en particulier de ceux chez qui, et tel est notre cas, l'imagination joue un role prépondérant. L'instruction supérieure parachèverait ce travail d'art social et ethnologique.

Ainsi, depuis les premiers échelons de la carrière scolaire jusqu'à son faîte, on s'appliquerait à créer *l'état d'esprit spécial* et *l'accord des consciences* que nous souhaitons, *et qui est essentiel,* on s'appliquerait à associer, en les affinant et en les développant, l'idée et l'amour de la patrie à l'idée et à l'amour de la race.

Les Latins sont faits pour s'entendre et se solidariser, non pour se cantonner dans une indifférence coupable les uns vis-à-vis des autres, et moins encore pour se dénigrer ou s'entredéchirer ce qui est le plus commun, pourtant. Le cœur et l'intérêt leur commandent de se mettre d'accord et de rendre cet accord stable et ferme pour qu'ils puissent compter sur lui. *Latinus sum et nullum latinum alienum me puto,* n'est-ce pas la devise que nous devrions avoir toujours et partout présente à l'esprit?

La *Ligue Latine* tendrait à nous l'imprimer. De son programme serait exclu rigoureusement tout ce qui serait de nature à toucher aux questions religieuses et politiques. Ouverte à tous les Latins, elle présenterait pour tous, quels que fussent leurs dogmes et leurs opinions, un terrain neutre d'entente.

Les idées de patrie et de race ont le don de cimenter l'union, et il n'y en aurait pas d'autres d'inscrites sur notre drapeau. Dans la *Ligue Latine* pourraient se confondre les noms des Latins les plus illustres, les représentants les plus autorisés de doctrines antagoniques en d'autres matières: on n'y demanderait à chacun que de vouloir sincèrement le bien de son pays et de sa race, en travaillant, dans la mesure de ses moyens, à la réalisation de telle ou telle aspiration commune.

Et puisque nous avons à cœur de dessiller les yeux des Latins et de raviver la source des grands sentiments qui se dessèche en eux, le rôle coopératif de la femme latine dans notre ligue est tout indiqué. Elle ferait là du légitime, de l'excellent féminisme.

La *Ligue Latine* serait d'initiative privée, se tiendrait en dehors de coteries et de cercles officiels ou anti-officiels, n'aurait d'attaches gouvernementales d'aucune sorte dans aucun pays. Elle n'en chercherait pas moins à se faire écouter et même craindre, au besoin, des dirigeants et à agir sur eux directement et indirectement.

Directement, en élevant la voix, en intervenant dans toutes les questions où peuvent être satisfaites ou lésées les justes prétentions de la latinité. C'est ainsi qu'elle devrait s'appliquer dès la première heure à obtenir que, *par l'émigration sagement canalisée,* le trop-plein de la population de l'Europe latine ou *connexe* allât combler les espaces immenses de l'Amérique latine qui n'attendent que le travail de l'homme pour étaler au soleil les prodigieuses richesses de leur sol et de leur sous-sol. L'intérêt d'une telle action est de toute évidence.

Lors de contestations ou de démêlés entre Latins le rôle direct de la Ligue s'imposerait tellement de lui-même qu'il n'y a pas, non plus, lieu de s'y attarder.

Elle devrait également s'ingénier, notre Ligue, pour que l'on mît en œuvre tout ce qui est apte à resserrer les liens de la Famille Latine.

Dans le seul domaine des langues et des littératures que de choses à faire dans ce sens! L'italien, l'espagnol et le portugais ont des affinités telles que posséder un de ces idiomes, c'est avoir à peu près la clef des deux autres. Pourquoi, à ce propos, n'exigerait-on pas en France la connaissance de l'un d'eux au moins, de la part des candidats à nombre de carrières?

Et pourquoi n'adjoindrait-on pas à cette mesure un ensemble d'autres tendant à propager en France, l'usage de ces langues? La chose serait importante en elle-même, et quelle répercussion elle aurait! Le

français est déjà très répandu dans l'Amérique latine, mais, si cette sage détermination était adoptée, il y prendrait, par réciprocité, une extension autrement plus grande.

Il y aurait encore long à dire sur les moyens d'action directe dont pourra disposer la ligue, mais sachons nous borner. D'ailleurs ce sont matières à étudier, au fur et à mesure, en des Congrès Panlatins qui devront avoir lieu si l'idée aboutit, – et elle aboutira tôt ou tard – dans *chacun des pays latins* à tour de rôle. Comme de juste le premier de la série serait tenu dans notre Capitale, à nous Latins: Paris. De là partirait peut-être, pour la latinité unie, un irrésistible "en avant".

Indirectement la ligue agirait en faisant planer au-dessus de tous, gouvernements et peuples, et resplendir d'un prestigieux éclat, le symbole de la race, en donnant aux Latins cette illusion *d'être regardés* dont nous parlions tout-à-l'heure et qui est si efficace pour eux.

Quant à l'organisation de la *Ligue Latine,* nous l'avons déjà ébauchée à très grands traits. Autour du *noyau héroïque,* représenté par des *Comités Nationaux* dans les divers pays latins et dont l'âme serait lê *Comité Central* de Paris, se constitueraient autant de groupes qu'il le faudrait. La *Ligue* s'appliquerait à compter un membre au moins dans chaque localité de quelque importance, autant que possible un instituteur primaire. Ainsi, du petit au grand, on arriverait à former un "organisme" régi par des lois simples, soumis par amour et discipline à l'élite; son épanouissement assurerait la floraison de notre race dans les siècles à venir.

Vaine poésis? Utopie naïve?

C'est bientôt dit. Si on essayait avant de l'affirmer, ne fut-ce que pour mettre en rapport et se connaître mutuellement les vrais Latins des deux hémisphères, ceux qui sentent dans leurs veines le sang généreux des aïeux, ceux qui tiennent réellement à leur noble race, en sont fiers, s'inquiètent de son sort?

D'une manière ou d'une autre il est grand temps de tenter quelque chose...

L'horizon est sombre pour nous, mais ne désespérons pas. Sachons raviver dans nos cœurs la flamme de la fraternité que la race y a déposée: et l'avenir est à nous. Cette flamme nous guidera comme l'étoile des mages et éclairera le monde pour le plus grand bien de l'humanité.

G. de Escragnolle-Taunay

Título	O Brasil e as origens da União Latina
Coordenação editorial	Maria do Carmo Strozzi Coutinho
Revisão de textos	Flávia Arraes
	Maria do Carmo Strozzi Coutinho
Editoração eletrônica e projeto gráfico	Samuel Tabosa
Formato	156 x 22,6 mm
Mancha	107 x 171 mm
Tipologia	AGaramond (textos) e Gill Sans (títulos, subtítulos e aberturas)
Papel	Cartão supremo 250g/m², plastificação fosca (capa)
	Ap. 75g/m² (miolo)
Número de páginas	72
Tiragem	500 exemplares
Impressão e acabamento	Gráfica MRE